

Primeiro lugar na lista do *The New York Times*

NORA ROBERTS

A Pousada ~ 3

O PAR PERFEITO

"Com uma visão infalível
sobre família, Nora Roberts encerra
mais uma trilogia magnífica."

Library Journal





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para Suzanne,
a gerente perfeita.


Melhorar é mudar.


Ser perfeito é mudar muitas vezes.

– WINSTON CHURCHILL




Barbearia
do Pete


Prefeitura de
Boonsboro


Livraria Virando
a Página


Lojinha da Pousada


Pousada
Boonsboro


Salão de Beleza
da Sherry


Agência dos
Correios


Pizzaria Vesta

Cidade de Boonsboro

capítulo um



APÓS ALGUNS RANGIDOS E gemidos, o velho prédio se aquietou. Sob o céu estrelado, as paredes de pedra reluziam, destacando-se na praça de Boonsboro como vinham fazendo havia mais de dois séculos. Até os cruzamentos estavam calmos, formando feixes de luz e sombra. Ao longo da avenida principal, todas as janelas e vitrines pareciam dormir, satisfeitas por poderem descansar sob o ar perfumado daquela noite de verão.

Devia fazer o mesmo, pensou Hope. Ficar quieta, se espreguiçar e dormir.

Seria o mais sensato a fazer, e ela se considerava uma mulher sensata. Mas o longo dia a deixara inquieta, e sabia que Carolee chegaria bem cedo no dia seguinte, animada para dar início aos preparativos do café da manhã.

A gerente podia dormir até mais tarde.

De qualquer forma, passava pouco da meia-noite. Quando morava e trabalhava em Georgetown, era raro conseguir ir para a cama tão cedo. Claro que, na época, era gerente do Wickham, e se não estivesse resolvendo algum problema ou atendendo ao pedido de um hóspede, estaria curtindo a vida noturna.

Boonsboro, fincada no sopé das montanhas Blue Ridge, no estado americano de Maryland, podia ter uma história rica e ilustre. Também possuía seus encantos, como a pousada revitalizada que Hope agora gerenciava. Mas não era uma cidade famosa por sua vida noturna...

Isso mudaria em breve, no entanto, depois que sua amiga Avery inaugurasse o novo bar e restaurante. Seria divertido ver como a empreendedora Avery MacTavish iria tocar o novo negócio bem ao lado da pousada e em frente à sua própria pizzaria do outro lado da praça.

Até o final do verão, Avery estaria se virando para administrar dois restaurantes, pensou Hope.

E as pessoas ainda achavam que Hope é que era brilhante.

Deu uma olhada na cozinha: limpa, brilhante, quente e acolhedora. Já havia cortado as frutas, verificado os mantimentos e reabastecido a geladeira. No dia seguinte estaria tudo pronto para Carolee preparar o café da manhã dos hóspedes, que, a essa hora, estavam trancados nos quartos.

Tinha dado conta de toda a papelada, verificado se as portas estavam trancadas e feito a ronda habitual para ver se havia algo fora do lugar. Suas tarefas tinham sido cumpridas, pensou a gerente, mas, mesmo assim, não estava pronta para voltar ao seu apartamento no terceiro andar.

Em vez disso, resolveu servir-se de uma boa taça de vinho e circulou pelo saguão uma última vez, apagando as luzes do candelabro que pendia sobre a mesa central com um vistoso arranjo de flores de verão.

Passou pelo arco, verificou de novo a porta da frente e foi em direção à escada, os dedos roçando no corrimão de ferro.

Já havia conferido a biblioteca, mas resolveu checá-la outra vez. Nunca era demais, pensou. Algum hóspede podia ter ido ali para tomar uma dose de uísque ou pegar um livro qualquer. Mas o aposento estava silencioso como o restante do prédio.

Olhou para trás. Havia hóspedes naquele andar. O Sr. e a Sra. Vargas, Donna e Max, casados havia 27 anos. A diária na suíte Nick & Nora fora um presente de aniversário para Donna, dado pela filha do casal. Um gesto lindo, não é?

Os hóspedes que estavam na Westley & Buttercup, no andar de cima, haviam escolhido a pousada para passar a noite de núpcias. Hope gostava da ideia de que os recém-casados, April e Troy, guardariam lembranças agradáveis e duradouras daquele lugar.

Ela checou se a porta da varanda do segundo andar estava trancada e, então, em um ímpeto, resolveu abri-la e sair para o ar fresco da noite.

Com a taça de vinho nas mãos, atravessou o amplo deque de madeira até chegar ao parapeito. Do outro lado da praça, o apartamento acima da Pizzaria Vesta estava vazio e às escuras agora que Avery fora morar com Owen Montgomery. Precisava admitir, pelo menos para si mesma, que sentia falta de olhar para aquele lugar sabendo que a amiga ficava logo ali, do outro lado da avenida principal.

Mas Avery estava onde deveria estar, concluiu Hope. Com Owen, seu primeiro namorado, que acabou sendo também o último.

Uma linda história...

Hope ajudaria a organizar o casamento, que ocorreria em maio e seria realizado no pátio, assim como o de Clare, na primavera anterior.

Pensando nisso, Hope olhou na direção da livraria. A Virando a Página fora um risco para uma jovem viúva com dois filhos e mais um a caminho. Mas dera tudo certo. Clare tinha o dom de fazer as coisas darem certo. Agora ela era Clare Montgomery, esposa de Beckett. E, quando o inverno chegasse, a família ganharia um novo membro.

Era estranho pensar que as duas amigas moravam em Boonsboro havia tanto tempo e ela só tinha se mudado havia um ano. Na verdade, ainda nem completara um ano. Era novata no lugar.

Agora, das três, Hope era a única que ainda estava ali, bem no centro da cidade.

Que bobagem sentir falta delas, já que encontrava as duas quase todos os dias. Mas, numa noite insone como aquela, até que seria bom se as duas ainda estivessem por perto.

Tanta coisa tinha mudado para todas elas no ano anterior...

Naquela época, Hope estava satisfeita em Georgetown, com sua casa, seu emprego, sua rotina. E com Jonathan, aquele traidor filho da mãe.

Tinha alguns planos. Nada precipitado, mas eram planos sólidos. O Wickham era a sua casa. Ela conhecia o ritmo, os tons e as necessidades do hotel. Prestara um grande trabalho aos Wickhams e ao filho, Jonathan, um belo de um traidor!

Hope planejava se casar com ele. Não, não estavam oficialmente noivos; não tinha havido nenhuma promessa concreta, mas os dois chegaram a falar sobre casamento e um futuro juntos.

Hope não era boba.

E, durante todo o tempo em que estiveram juntos – ou pelo menos nos últimos meses –, Jonathan estava saindo com outra pessoa. Alguém com o mesmo status que ele, pensou, ainda com certa amargura. Não alguém que trabalharia dez ou doze horas por dia para administrar o hotel da família, mas que se hospedaria em uma das suítes mais refinadas.

Não, Hope não era boba, mas tinha confiado em excesso e sentira humilhada e chocada quando Jonathan confessara que ia anunciar o noivado com outra pessoa no dia seguinte.

Humilhada e chocada, pensou outra vez; ainda mais porque, na hora em que ele falou isso, os dois estavam nus na cama dela.

Jonathan também ficara chocado quando Hope o expulsou de casa. Ele não tinha entendido por que as coisas entre os dois deveriam mudar.

Foi um momento que resultou em muitas transformações.

Agora Hope era a gerente da pousada Boonsboro e morava numa cidadezinha na parte oeste de Maryland, um lugar bem diferente das metrópoles com luzes ofuscantes.

Não passava o tempo livre planejando jantares elegantes nem entrando e saindo de butikues em busca dos sapatos perfeitos para combinar com o vestido perfeito que usaria no próximo evento.

Sentia falta disso tudo? Das idas às butikues, do seu lugar favorito para almoçar, dos agradáveis pés-direitos altos e do pequeno pátio cercado de flores da antiga casa? Ou da pressão e da empolgação de preparar o hotel para a chegada de autoridades, celebridades ou grandes executivos do mundo dos negócios?

Às vezes, sim, admitia. Mas não tanto quanto pensava nem com tanta frequência quanto esperava.

Um ano antes, Hope vivia satisfeita com a própria vida, encarava novos desafios no emprego e se sentia em casa no Wickham. Porém, nos últimos meses, percebera que, em Boonsboro, não se sentia apenas satisfeita, mas feliz. A pousada não era só uma casa, mas um *lar*.

Tudo isso graças às amigas, aos irmãos Montgomerys e à mãe deles. Justine Montgomery a contratara na hora. Na época, Hope não conhecia Justine o bastante para ficar surpresa com sua escolha tão rápida. Mas Hope conhecia muito bem a si mesma e continuava espantada com a agilidade e a impulsividade com que aceitara o emprego.

Não lamentava o impulso, a decisão, a mudança.

Recomeçar tudo não estava nos seus planos, mas ela era boa em adaptá-los às circunstâncias. Graças aos Montgomerys, a adorável – e trabalhosa – pousada restaurada agora era seu lar e sua carreira.

Caminhou pela varanda verificando as jardineiras suspensas e ajeitando minuciosamente a posição de uma cadeira.

– Adoro cada centímetro quadrado deste lugar – murmurou.

Uma das portas da suíte Elizabeth & Darcy se abriu. O cheiro de madressilva se espalhou pelo ar.

Havia mais alguém acordado, pensou Hope. Aliás, não sabia se fantasmas dormiam. Duvidava de que o espírito que Beckett batizara de Eliza-

beth – em função da suíte preferida de Lizzy – responderia se Hope lhe fizesse essa pergunta. Até agora ela não tinha se dignado a falar com a nova vizinha.

Ao pensar nisso, Hope sorriu e tomou mais um gole do vinho.

– Que noite agradável. Estava aqui pensando em como a minha vida está diferente e em como fico feliz com isso – disse em tom amigável.

Afinal, segundo as pesquisas que ela e Owen andavam fazendo sobre a hóspede permanente da pousada, Lizzy – ou Eliza Ford, como se chamava quando era viva – era uma das suas antecessoras.

Para Hope, parentes deviam ser tranquilos e amistosos.

– Temos recém-casados na W&B. Os dois parecem muito felizes, de um jeito novo e diferente. O casal da N&N está aqui para comemorar os 58 anos da esposa. Esses não têm a tal da novidade, mas parecem felizes, de um jeito legal e descontraído. Gosto da ideia de proporcionar um lugar especial para eles se hospedarem, uma experiência única. É nisso que sou boa.

O silêncio reinava, mas Hope podia *sentir* a presença de alguém. Um clima de companheirismo, percebeu. Um companheirismo estranho. Apenas duas mulheres acordadas até tarde, observando a noite de verão.

– Carolee vai chegar cedo amanhã. Ela ficará encarregada de preparar o café, e eu terei a manhã de folga. Por isso – acrescentou, erguendo a taça –, estou acompanhada de um vinho, uma introspecção e algumas lamentações que agora me fazem perceber que não tenho nada a lamentar.

Com um sorriso, tomou mais um gole.

– Então... uma boa taça de vinho. Agora que já fiz tudo isso, é melhor eu ir dormir.

Apesar de sua resolução, Hope continuou ali por mais um tempo, naquela noite tranquila de verão, envolvida pelo cheiro de madressilva.



Quando desceu pela manhã, Hope sentiu o cheiro de café fresco, bacon grelhado e, se o seu nariz não estava enganado, panquecas de maçã com canela. Ouviu uma conversa animada que vinha da sala de jantar. Eram Donna e Max falando sobre dar um passeio pela cidade antes de voltarem para casa.

Ela foi até o saguão e deu a volta para ver se Carolee precisava de ajuda na cozinha. A irmã de Justine tinha cortado o cabelo curtinho para o verão, com uma franja que lhe caía sobre os animados olhos castanho-claros. Eles estavam radiantes apesar do dedo em riste com que recebeu Hope.

– O que está fazendo por aqui, mocinha?

– Já são quase dez horas.

– E a sua manhã de folga?

– Até agora, aproveitei para dormir até as oito, fazer ioga e ficar de bo-beira – respondeu Hope, servindo-se de uma xícara de café, que começou a tomar de olhos fechados. – A primeira do dia. Por que ela é sempre a melhor de todas?

– Boa pergunta. Ainda estou tentando substituir o café pelo chá. Darla está com uma mania de coisas saudáveis e vem fazendo de tudo para me converter – explicou Carolee, referindo-se à filha com um misto de afeto e irritação. – Adoro o nosso chá Titânia & Oberon. Mas... não é café.

– Nada se compara ao café.

– Exatamente. Darla está muito ansiosa para a inauguração da academia. Ela disse que se eu não me inscrever para as aulas de ioga, vai fazer a matrícula por mim e me arrastar até lá.

– Você vai adorar fazer ioga – observou Hope, sorrindo ao ver a expressão de dúvida e aflição no rosto de Carolee. – De verdade.

– Hum – resmungou ela, pegando o pano de prato e voltando a enxugar a bancada de granito. – Os Vargas adoraram o quarto e, como sempre, o banheiro recebeu vários elogios. Não há nem sinal dos recém-casados.

– Eu ficaria decepcionada com eles se houvesse – replicou Hope, passando a mão pelo cabelo escuro e brilhoso.

Ao contrário de Carolee, Hope estava tentando deixá-lo crescer, abandonando o corte repicado que vinha usando havia cerca de dois anos. As pontas agora batiam na altura do queixo, um comprimento intermediário que a aborrecia.

– Vou ver se Donna e Max querem mais alguma coisa.

– Pode deixar que eu vou – disse Hope. – Quero dar bom-dia aos dois. E, aproveitando o resto da minha manhã de folga, acho que vou dar uma passadinha na Virando a Página e dar um oi para Clare.

– Eu a vi ontem à noite, no clube do livro. Está a coisa mais fofa com

aquela barriga de grávida. Ah, tem bastante massa aqui para o caso de os recém-casados também quererem panquecas.

– Pode deixar que eu aviso.

Foi até a sala de jantar e conversou um pouco com os hóspedes, aproveitando para verificar discretamente se ainda havia bastante café, frutas e suco.

Após se certificar de que o casal estava feliz, Hope voltou lá para cima a fim de pegar a bolsa e deu de cara com os recém-casados, que vinham entrando pela varanda dos fundos.

– Bom dia!

– Ah, bom dia! – exclamou April, com o brilho de uma manhã de lua de mel bem aproveitada. – O quarto é lindíssimo. Adorei tudo ali dentro. Eu me senti uma princesa.

– Seu desejo é uma ordem, alteza – brincou Hope, fazendo o casal rir.

– É genial ver que os quartos foram nomeados e decorados em função de casais de romances.

– Casais com finais felizes – acrescentou Troy, que recebeu em troca um sorriso sonhador da esposa.

– Assim como nós. Queremos lhe agradecer por ter feito a nossa noite de núpcias ser tão especial. Era tudo que eu queria. Simplesmente perfeito.

– Esse é o nosso trabalho – falou Hope.

– Mas... estávamos pensando numa coisa. Sabemos que devemos deixar o quarto daqui a pouco...

– Se quiserem fazer isso depois, podemos dar um jeito... – começou Hope.

– Bom, na verdade...

– Estávamos querendo saber se podemos ficar mais uma noite – completou Troy, passando o braço pelos ombros de April e puxando-a para mais perto de si. – Adoramos a pousada. Íamos seguir viagem para a Virgínia, parando para dormir em algum lugar, mas... Gostamos muito daqui. Podemos ficar em qualquer quarto que esteja disponível, se é que algum deles está.

– Será um prazer, e o quarto de vocês está disponível para esta noite.

– É mesmo? – indagou April, saltitando. – Ah, isso é maravilhoso. Obrigada!

– Como disse, é um prazer. Fico feliz em saber que estão gostando de ficar hospedados aqui.

Hóspedes felizes, gerentes felizes, pensou Hope, subindo às pressas para pegar a bolsa. Desceu tão depressa quanto subiu, entrou no escritório para fazer a alteração na reserva e, deixando para trás os cheiros e as vozes, atravessou a recepção para sair pelos fundos.

Passando ao lado do prédio, deu uma olhada na Vesta, do outro lado da rua. Conhecia os horários de Avery e de Clare quase tão bem quanto os seus. Avery devia estar se preparando para abrir o restaurante, e Clare já devia ter voltado da consulta com o médico.

A ultrassonografia. Com sorte, poderiam saber a essa altura se Clare estava esperando a menina que tanto desejava.

Enquanto aguardava para atravessar no sinal da esquina, olhou para a avenida principal. Hope avistou Ryder Montgomery parado diante do prédio que a empreiteira da família estava reformando. Já devia estar quase pronto, pensou, e logo a cidade voltaria a ter uma confeitaria.

Vestia um jeans rasgado no joelho esquerdo e todo respingado de tinta, gesso ou sabe-se lá que tipo de coisa utilizada num canteiro de obras. Seu cinto de ferramentas estava bem baixo, como a cartucheira de um daqueles xerifes de antigamente, pelo menos foi essa a imagem que veio à cabeça de Hope. Por baixo do boné de beisebol, saíam uns cachos de cabelo preto. Os óculos escuros escondiam aqueles olhos que, como ela bem sabia, eram verdes com uns traços dourados.

Ryder conversava com dois operários, apontando algo, rodando o dedo, balançando a cabeça, sempre daquele jeito habitual, com o peso do corpo mais apoiado numa perna do que na outra.

Como a fachada do prédio ainda estava emassada, Hope deduziu que eles deviam estar discutindo de que cor iriam pintá-la.

Um dos operários deu uma risada, fazendo Ryder abrir um sorriso rápido e encolher os ombros.

Assim como a pose anterior, esse gesto de Ryder também era habitual, pensou ela.

Os irmãos Montgomerys eram atraentes, mas, na sua opinião, Clare e Avery haviam ficado com a melhor parte da safra. Achava Ryder um pouco mal-humorado e antissocial.

E sexy, admitia. De um jeito primitivo, rude.

Nem de longe fazia seu tipo.

Quando começou a atravessar, ouviu um assobio longo e estridente. Sa-

bendo que era uma brincadeira, virou o rosto na direção da confeitaria, abriu um sorriso discreto e acenou para Jake, um dos pintores. Ele e o colega ao seu lado acenaram de volta.

Mas Ryder Montgomery, não, é claro, pensou ela. Ficou simplesmente encarando-a, com o polegar enfiado no bolso. Um antissocial, Hope voltou a pensar. Não podia nem levantar o braço para lhe dar um tchau?

Encarou o leve frio na barriga como uma reação natural de uma mulher saudável a um olhar demorado e discreto de um homem sexy apesar de mal-humorado.

Ainda mais no caso de uma mulher que não tinha qualquer contato mais sério com um homem havia, céus, um ano! Pouco mais de um ano. Mas quem estava contando?

Hope era a única culpada, a escolha fora dela... Então, por que pensar nisso?

Chegou ao outro lado da avenida principal e virou-se na direção da livraria. Na mesma hora, Clare apareceu na linda varanda coberta da loja.

Hope acenou para a amiga, que ficou parada ali por um instante, com uma das mãos apoiada na barriga sob o vestido leve de verão. O cabelo dourado e comprido de Clare estava preso num rabo de cavalo e ela usava óculos escuros de aro azul para amenizar a claridade do sol forte da estação.

– Só vim ver como você está – gritou Hope.

– Estava prestes a mandar uma mensagem para você – disse Clare, erguendo o celular.

Voltou a guardar o aparelho no bolso e deixou a mão ali dentro enquanto descia os degraus que levavam à calçada.

– E aí? – indagou Hope, observando o rosto da amiga. – Está tudo bem?

– Sim. Chegamos há alguns minutos. Becket – prosseguiu, olhando para trás – foi dar a volta para estacionar nos fundos da confeitaria. Ele trouxe as ferramentas.

– Sei – retrucou Hope, e, com uma pontinha de preocupação, pôs uma das mãos no braço de Clare. – Você fez a ultrassonografia, não fez?

– Fiz.

– E?

– Ahn... Vamos até a Vesta. Aí eu conto para você e para Avery ao mesmo tempo. Beckett vai ligar para a mãe e contar para os irmãos. Tenho que ligar para os meus pais.

– Está tudo bem com o bebê?

– Com certeza – respondeu Clare, e, dando uns tapinhas na bolsa, acrescentou: – Tenho algumas fotos.

– Quero ver!

– Vou passar dias exibindo elas. Ou semanas. São impressionantes!

Avery apareceu na porta do restaurante usando um avental sobre uma calça capri e uma camiseta. Deu uns pulinhos com as sandálias Crocs roxas. O sol que batia em seu cabelo de rainha guerreira da Escócia fazia as pontas curtas reluzirem.

– Vai ser tudo rosa?

– Vai abrir o restaurante sozinha hoje? – perguntou Clare.

– Sim. Fran só deve voltar daqui a uns vinte dias. Você está bem? Está tudo bem?

– Tudo absoluta, perfeita e maravilhosamente bem. Mas queria me sentar um pouco.

Com as amigas se entreolhando às suas costas, Clare entrou na Vesta e foi direto para o balcão, onde se deixou cair num banquinho e deu um suspiro.

– É a primeira vez que fico grávida com três meninos de férias durante todo o verão. Não é nada fácil...

– Você está um pouco pálida – observou Avery.

– Só estou cansada.

– Quer uma bebida gelada?

– É o que eu mais quero agora.

Avery foi até a geladeira e, enquanto isso, Hope se sentou e fitou Clare, estreitando os olhos.

– Você está nos enrolando. Se não tem nada de errado...

– Não tem, não. E talvez eu esteja mesmo enrolando um pouquinho. Afinal, é uma revelação e tanto... – retrucou ela, rindo e pegando o refrigerante gelado que Avery havia lhe trazido. – Então, aqui estou eu, junto com as minhas melhores amigas, no lindo restaurante de Avery que já está cheirando a molho de pizza.

– Algo normal numa pizzaria – replicou a outra, dando uma garrafa de água para Hope. Depois, Avery cruzou os braços e ficou observando o rosto de Clare. – É uma menina. Sapatilhas de balé e faixas para o cabelo.

– Pelo visto – disse Clare, balançando a cabeça –, a minha especialidade

são os meninos. É melhor substituir por luvas de beisebol e bonecos de super-heróis.

– Um menino? – perguntou Hope, debruçando-se no balcão e esbarrando na mão de Avery. – Ficou decepcionada?

– Nem um pouco – respondeu Clare, abrindo a bolsa. – Querem ver o ultrassom?

– Está brincando?! – exclamou Avery. Ela tentou pegar o exame, mas Clare puxou o envelope. – Ele é parecido com você? Com Beck? Com um peixe? Sem querer ofender, mas sempre acho que recém-nascidos parecem peixes...

– Qual deles?

– Como assim?

– São dois.

– Dois?! – indagou Hope, quase engasgando com a água. – Gêmeos? Vocês vão ter gêmeos?

– Dois? – repetiu Avery. – Vocês vão ter dois peixes?

– Dois meninos. Olhem só como são lindos!

Clare tirou as imagens do envelope e, então, começou a chorar.

– São lágrimas de alegria – conseguiu balbuciar. – São hormônios, mas hormônios bons. Ah, meu Deus! Vejam os meus bebês!

– São lindos! – exclamou Avery.

– Nem dá para ver – rebateu Clare, enxugando as lágrimas e sorrindo para Avery.

– Eu sei, mas eles são lindos. Gêmeos. No total serão cinco. Fez as contas, não fez? Vocês terão cinco meninos.

– Claro que fizemos, mas a ficha ainda não caiu. Não contávamos com... Nunca imaginamos... Bom, talvez eu tenha imaginado, sim. Minha barriga está maior do que em todas as outras vezes. Mas, quando o médico nos disse... Beckett ficou branco.

Clare começou a rir, embora algumas lágrimas ainda escorressem pelo seu rosto.

– Branco feito um papel. Achei que ele fosse desmaiar. Depois, só nos olhamos. E começamos a rir. Rimos como loucos. Acho que ficamos meio histéricos. Cinco. Ah, meu Deus do céu! *Cinco* meninos.

– Vocês vão se sair muito bem. Todos vocês – assegurou Hope.

– Vamos, sim. Tenho certeza. Estou tão surpresa, tão feliz, tão atordoada. Nem sei como Beckett conseguiu dirigir na volta. Não sei se voltamos de

Hagerstown ou da Califórnia. Acho que eu estava meio que em estado de choque. Gêmeos!

Clare pousou as mãos na barriga e então prosseguiu:

– Sabem aqueles momentos na vida quando a gente pensa: é agora? Nunca me senti tão feliz ou tão empolgada. Nunca vou *sentir* mais do que estou sentindo agora. Neste instante. Para mim, este é um deles.

Hope a abraçou e Avery abraçou as duas.

– Estou tão feliz por você! – murmurou Hope. – Feliz, surpresa e empolgada, assim como você.

– Os meninos vão ficar animadíssimos – falou Avery, se afastando. – Não vão?

– Claro! E, já que Liam fez questão de dizer que, se eu tivesse uma menina, ele não ia se dignar a brincar com ela, acho que vai ficar muito feliz com a notícia.

– E quando deve ser o parto? – indagou Hope. – Terá que ser antecipado?

– Um pouco. Disseram 21 de novembro. Logo, serão bebês do feriado de Ação de Graças e não do Natal ou do ano-novo.

– Uns comilões – comentou Avery, fazendo Clare rir mais uma vez.

– Você precisa nos deixar ajudar a arrumar o quarto deles – sugeriu Hope. Planejar estava em seu sangue.

– Estou contando com isso. Não tenho absolutamente nada. Dei todas as coisas de bebê depois que Murphy nasceu. Nunca imaginei que fosse me apaixonar de novo, me casar outra vez ou ter mais filhos.

– Podemos fazer um chá de bebê com o tema “Diversão em dobro” – decidiu Hope. – Ou sobre coisas que venham aos pares, em conjuntos de dois. Algo do gênero. Vou pensar no assunto. Marcamos para começo de outubro, só por segurança.

– Chá de bebê – repetiu Clare e suspirou. – Está ficando cada vez mais real. Tenho que ligar para os meus pais e contar para as meninas – acrescentou, referindo-se à equipe da livraria. Levantou-se com certa dificuldade. – Bebês de novembro – disse outra vez. – Vou ter que perder os quilos extras até maio, na época do casamento.

– Ah, é mesmo! Vou me casar! – exclamou Avery, erguendo a mão para admirar o diamante que tinha vindo substituir o anel de máquina de chicletes que Owen pusera no seu dedo. Duas vezes.

– Vai se casar e abrir um segundo restaurante, além de ajudar a organi-

zar um chá de bebê e redecorar aquela suíte de solteiro para transformá-la numa suíte de casal – observou Hope, cutucando o braço da amiga. – Temos muito trabalho pela frente.

– Acho que dá para arranjar um tempinho amanhã.

– Ótimo – disse Hope e, por um instante, repassou a lista que tinha na cabeça, redistribuiu tarefas e avaliou o tempo disponível. – À uma hora. Posso dar um jeito. Está bom para você? – perguntou, dirigindo-se a Clare. – Podemos marcar um almoço e planejar alguma coisa até a hora em que começa o check-in.

– Amanhã, à uma hora – replicou Clare, dando umas batidinhas na barriga. – Estaremos lá.

– Eu também – prometeu Avery. – Se me atrasar um pouco, vamos ter que almoçar rápido. Mas eu vou aparecer.

Hope saiu com Clare e lhe deu mais um abraço antes de se separarem. Ficou imaginando a amiga dando a boa notícia aos pais. Também imaginou Avery mandando uma mensagem para Owen. E Beckett dando umas escapadas durante o dia para ver como Clare estava ou simplesmente arranjando uns minutinhos para ficar com ela.

Por um instante, desejou ter alguém para quem ligar, mandar uma mensagem ou arranjar um tempinho para encontrar. Alguém com quem pudesse compartilhar aquela notícia tão especial..

Mas voltou para a pousada e subiu pela escada externa. Dirigiu-se ao terceiro andar prestando atenção aos ruídos ao redor enquanto caminhava até seu apartamento.

É, pensou, dava para ouvir a voz de Carolee e perceber a empolgação que havia nela. Sem dúvida Justine Montgomery já tinha ligado para a irmã e lhe contado sobre os gêmeos.

Fechou a porta do apartamento. Passaria algumas horas naquela tranquilidade, pesquisando sobre o jovem fantasma que vivia ali dentro e o homem chamado Billy, por quem ela esperava.

capítulo dois



A MÃE DE RYDER ESTAVA prestes a enlouquecê-lo. Se aparecesse com mais um projeto antes de ele terminar os cinco ou seis que ainda tinha pela frente, ia pegar o cachorro e se mudar para Barbados.

Podia construir uma linda casinha na praia. Quem sabe com uma grande área externa envidraçada. Sabia que era habilidoso.

Ryder parou a caminhonete no estacionamento dos fundos da pousada, o projeto principal – já concluído, graças a Deus, mas nunca efetivamente pronto, pois sempre surgia alguma outra coisa para fazer. O estacionamento era dividido entre a pousada e o que viria a ser, segundo Justine Montgomery – que vivia tendo ideias mirabolantes –, uma incrível e bem equipada academia de ginástica.

Hoje em dia, o prédio não passava de um caixote em péssimo estado de conservação e pintado de um verde horroroso. E essa era apenas a parte externa. Por dentro, havia um verdadeiro labirinto de cômodos, um porão inundado, escadas que pareciam saídas de filmes de terror e tetos quase desabando. Sem contar com o estado deplorável da fiação e dos encanamentos, coisas em que nem queria pensar até terem botado tudo abaixo.

Parte dele queria voltar uma noite qualquer, sorrateiramente, usando um gigantesco trator, e dar cabo do prédio inteiro. Mas, no fundo, precisava admitir que adorava desafios.

E aquele ali sem dúvida era um deles.

Mesmo assim, já que o tão confiável Owen havia lhe mandado uma mensagem dizendo que a licença para a demolição estava prestes a sair, podiam começar a derrubar algumas coisas.

Ryder ficou sentado ali por um instante com Diaraque, seu dócil vira-lata, ouvindo Lady Gaga em toda a sua glória. Ela era uma mulher estranha, pensou, mas sua voz era incrível.

Juntos, ele e Diaraque observaram o caixote verde. Ryder gostava de demolições. Derrubar paredes era sempre uma atividade prazerosa. E a reforma para transformar aquele horror num lugar decente seria bem interessante.

Uma academia. Não entendia essa gente que corria numa máquina sem sair do lugar. Por que não suar fazendo algo construtivo? Ginástica. Tudo bem, ele podia imaginar um lugar com sacos de pancadas, um ringue e alguns pesos consideráveis. Bem diferente dessas academias da moda, com ioga e pilates...

Mas havia as mulheres vestindo aquelas roupas coladas no corpo. Isso! Uma coisa boa como uma demolição. Quem não gostaria de algo assim?

De qualquer forma, não adiantava nada ficar pensando no assunto, decidiu. Já estava tudo resolvido.

Saiu da caminhonete, e Diaraque pulou ao seu lado todo confiante.

Ryder não conseguia entender a razão para estar de mau humor. A reforma da confeitaria já estava na fase de acabamentos e pintura. O MacT's, de Avery, também se encontrava bastante adiantado, e ele mal podia esperar para se sentar num banquinho do novo bar e tomar uma cerveja.

Tinha uma reforma de cozinha contratada, e Owen estava negociando algumas obras para outro cliente. Muito trabalho era bem melhor do que trabalho nenhum. Podia construir uma casa de praia em Barbados quando ficasse mais velho.

Mesmo assim, se sentia irritado e chateado, e não conseguia descobrir por quê. Até olhar para a pousada.

Hope Beaumont. Claro. Ela devia ter alguma coisa a ver com a sua irritação.

Era indiscutível que Hope fazia um bom trabalho. O fato de ser obsessivamente organizada e louca por detalhes também não o aborrecia. Afinal, ele passou a vida inteira convivendo e trabalhando com alguém muito parecido, seu irmão Owen.

Mas algo em Hope tinha mexido com ele, e o incomodava de vez em quando, desde que os dois haviam se beijado na noite do réveillon.

Foi um mero acidente, pensou. Um impulso. Um impulso acidental. Não tinha a mínima intenção de fazer isso outra vez.

Mas preferia que Hope fosse uma mulher gorducha, de meia-idade, que já tivesse netos e gostasse de fazer tricô.

– Um dia ela pode vir a ser assim – resmungou, dirigindo-se a Diaraque, que abanava o rabo, obediente.

Encolhendo os ombros, atravessou o pátio e abriu a porta do futuro Bar e Restaurante MacT's para os operários que já estavam ali.

Gostava daquele espaço, ainda mais agora que haviam refeito a ligação entre os dois prédios, abrindo a parede que os separava e criando um amplo arco para que gerentes e garçons pudessem circular de um lado para outro.

Avery sabia o que queria e como fazer as coisas funcionarem, logo, Ryder tinha certeza de que o MacT's ia ser um bom lugar para comer, tomar uns drinques e conhecer gente nova, se essa fosse a sua praia. Um bom restaurante de gente grande, como ela o chamava, em comparação ao estilo despojado e familiar da Vesta.

Ryder tinha o maior carinho pela Vesta e mais ainda pela Pizza do Guerreiro. Porém, como Avery vinha fazendo com que experimentassem as novas receitas havia meses, supunha que poderia engolir uma ou duas refeições no MacT's.

Passou pelo vão e ficou observando o espaço do pub. Ainda havia muita coisa a ser feita, pensou, mas podia imaginá-lo todo pronto, com o bar muito comprido que ele e os irmãos estavam construindo. Madeira escura, cores fortes, alguns tijolos nas paredes. E cerveja à vontade.

É, não seria de todo ruim passar um tempo ali e tomar uma cerveja com a satisfação de admirar um trabalho bem-feito.

Quando ficasse pronto.

Ouviu vozes e voltou para o outro lado.

Depois que os operários já haviam começado a trabalhar, ele foi até a confeitaria para ver como estavam as coisas. Se pudesse escolher, colocaria o cinto de ferramentas e botaria a mão na massa.

Mas tinha uma reunião marcada no novo canteiro de obras e já estava ficando tarde.

Quando voltava para os fundos, viu as caminhonetes dos irmãos no estacionamento. Deduziu que Owen trazia café e rosquinhas, além da licença para a demolição. Ele era alguém com quem se podia contar tanto no dia a dia quanto numa catástrofe nuclear.

Pensou em Beckett, casado com Clare, da noite para o dia pai de três filhos e, agora, futuro pai de gêmeos.

Céus! Gêmeos...

Mas talvez a empolgação pela chegada dos gêmeos evitasse que a sua mãe começasse a pensar em um novo projeto.

Provavelmente não.

Passou pelas portas abertas que davam para a rua St. Paul e sentiu o cheiro do café.

É, Owen era alguém com quem se podia contar.

Pegou o único copo de isopor que restava e que exibia um “R” escrito com caneta de ponta grossa pelo irmão obsessivo. Tomou alguns goles antes mesmo de abrir a tampa da caixa com as rosquinhas.

Seu cachorro logo começou a limpar o chão com o rabo.

Ouviu a voz dos irmãos em algum lugar naquele chiqueiro, mas continuou tomando o café e, após jogar um bom pedaço de rosquinha com geleia para Diaraque, foi até onde estavam as plantas, abertas em cima do compensado apoiado em cavaletes.

Claro que já as vira antes; mas, mesmo assim, ficou impressionado. A ideia de Beckett dava à sua mãe tudo que ela queria e mais. É, pensou Ryder, melhor do que pôr tudo isso abaixo com um trator. Melhor derrubar o que tivesse que ser derrubado e construir o que pudesse ser construído.

A seu ver, o local não se parecia com o tipo de academia que ele poderia frequentar: nada de sacos de pancadas ou vestiários cheirando a suor. Mas era muito bonito.

E tinha muito trabalho, coisas complicadas o bastante para ele xingar Beckett por semanas, meses... Talvez até anos.

Mesmo assim...

Erguer o telhado para torná-lo inclinado era algo simples e esteticamente agradável. Tirar a cobertura plana do lado do estacionamento e transformar o local num deque também era uma ideia inteligente. Vidro o bastante para se ter muita luz entrando pelas novas janelas e portas. E o lugar precisava muito delas, embora isso significasse ter que quebrar paredes de concreto.

Uns vestiários incríveis com sauna seca e a vapor. Sua mentalidade mais simples tinha dificuldade em aceitar isso, mas não podia deixar de admitir que adorava uma boa sauna a vapor bem demorada...

Comeu a rosquinha, jogando alguns pedaços para Diaraque, que continuava abanando o rabo, enquanto Ryder analisava o térreo, o segundo andar e a parte mecânica.

Belo trabalho, pensou. Beckett tinha talento e visão, apesar de boa parte

das ideias dele terminarem dando muita dor de cabeça em termos de trabalho prático.

Estava acabando o café quando os irmãos entraram vindo do labirinto que era aquele prédio.

– A licença para a demolição.

– Beleza – disse Owen. – E bom dia para você também.

Os óculos escuros pendiam da gola de uma impecável camiseta branca e, já que Beckett pretendia incluí-lo no trabalho de demolição, aquela branquira toda não ia durar muito.

– Passou esse jeans, maninho?

– Não – respondeu Owen. Depois que seus olhos azuis examinaram as rosquinhas, escolheu uma delas e a partiu ao meio. – A calça só está limpa. Tenho umas reuniões mais tarde.

– Sei. E aí, paizão?

Beckett sorriu, passando os dedos pelo cabelo castanho-escuro.

– Os meninos querem que os gêmeos se chamem Logan e Luke.

– Wolverine e Skywalker – observou Ryder, achando graça. – Uma fusão de *X-Men* com *Star Wars*. É uma escolha interessante.

– Eu gosto. No começo Clare riu, mas depois a ideia acabou pegando. São nomes bonitos.

– Pelo menos, serviram perfeitamente para Wolverine e Skywalker.

– Acho que vamos aceitar a ideia deles, o que é bem legal. Meus ouvidos estão zumbindo, sabem como é? Como acontece depois de uma explosão.

– É só mais um além do que vocês já estavam esperando – observou Owen. – É só planejar e organizar.

– Falou aquele que tem muita experiência com bebês – disse Ryder, com uma risadinha.

– É só questão de planejar e organizar – repetiu Owen. – E, por falar nisso, vamos conferir os projetos e os cronogramas – acrescentou, pegando o celular preso ao cinto.

Ryder resolveu comer mais uma rosquinha e deixar que o açúcar e a gordura o confortassem para a enxurrada de detalhes. Inspeções, licenças, encomenda e entrega de material, esboços, projetos finais, trabalho na seraria, trabalho no canteiro de obras.

Também se lembrava de tudo, só que, talvez, as informações não estivessem listadas e detalhadas de forma tão minuciosa como Owen fazia. Mas

sabia o que precisava ser feito e quando, quais homens designar para fazer determinado trabalho e quanto tempo duraria cada etapa. Tanto na parte interna quanto na externa, considerando-se os imprevistos da construção.

– Mamãe está procurando o equipamento – disse Beckett no momento em que Owen fez uma pausa. – Esteiras, bicicletas ergométricas e todas essas porcarias que as pessoas adoram.

– Não vou pensar nisso agora – retrucou Ryder, olhando ao redor.

As paredes estavam um lixo, pensou. O piso também. Tudo ali estava um lixo. Ainda faltava muito para pensarem em esteiras, halteres e tapetes para ioga.

– Talvez devêssemos pensar no estacionamento – sugeriu Owen.

Ao ouvir isso, Ryder virou-se para ele e estreitou os olhos.

– O que é que tem o estacionamento? – perguntou.

– Agora que o terreno inteiro é nosso, em vez de simplesmente consertá-lo, podíamos quebrar tudo, nivelar, instalar um sistema de drenagem e refazer o piso.

– Que diabos! – exclamou Ryder. Queria fazer uma objeção, por questão de princípio, mas eles precisavam mesmo de um sistema de drenagem. – Está bem. Mas também não vou pensar nisso agora.

– E no que vai pensar agora?

Em vez de responder, Ryder limitou-se a ir embora.

– Ele está mais chato do que de costume ou é impressão minha? – indagou Owen.

– É difícil dizer – respondeu Beckett, voltando a olhar o projeto. – Vai dar uma trabalhadeira danada, ainda mais para Ryder, mas vai ficar ótimo.

– O prédio mais feio da cidade.

– É mesmo. Quem leva o primeiro prêmio é ele, sem dúvida. O lado bom é que qualquer coisa que a gente faça vai ser uma melhoria. Assim que a caçamba chegar, podemos...

Beckett parou de falar quando Ryder voltou trazendo uma marreta e um pé de cabra.

– Vão buscar as suas – disse-lhes Ryder.

Deixando de lado o pé de cabra, ele escolheu uma parede ao acaso e deu uma marretada. O golpe forte, inegavelmente prazeroso, fez com que pedaços de gesso voassem por todo lado.

– A caçamba... – começou Owen.

– Já deve estar chegando, não é? – replicou Ryder e, usando toda a força, voltou a dar marretadas. – Segundo as benditas revelações do seu sagrado cronograma.

– Devíamos trazer alguns operários para cá – observou Beckett.

– Por que eles sempre ficam com a parte mais divertida? – indagou Ryder.

No instante em que a marreta voltou a acertar a parede, Diaraque foi para perto dos cavaletes a fim de tirar uma soneca.

– Ele não deixa de ter razão – disse Beckett e, quando olhou para Owen, recebeu um encolher de ombros e um sorriso de volta. – Devíamos começar pelo segundo andar.

– Esta parede aqui não é de sustentação – retrucou Ryder e, com mais algumas marretadas, a tal parede interna foi reduzida a um monte de escombros. – Mas têm razão – acrescentou, apoiando-se na marreta e sorrindo para os irmãos. – Vamos pôr essa droga abaixo.



Depois de alguns dias ouvindo aquele barulho, a curiosidade de Hope acabou vencendo. Como Carolee estava trabalhando – o casal que viera passar a noite de núpcias já estava hospedado na pousada havia quatro dias –, ela atravessou o estacionamento e foi até o mais novo projeto da família Montgomery. Tinha um motivo legítimo para ir até lá, mas precisava admitir que a razão principal era a curiosidade.

Passou o dia inteiro ouvindo batidas e mais batidas, e, sempre que olhava pela janela, via algum sujeito todo empoeirado indo jogar entulho numa imensa caçamba verde.

Avery havia lhe mandado uma mensagem explicando que a demolição do prédio que viria a ser a academia tinha começado.

E Hope quis ir ver com os próprios olhos.

À medida que chegava mais perto, o barulho aumentava. Pelas janelas abertas, ouviu uma gargalhada masculina enlouquecida. E também o som de uma guitarra tocando rock.

Dirigiu-se à entrada lateral, ou ao que restava dela, e deu uma espiada lá dentro.

Seus olhos se arregalaram.

Nunca estivera naquele prédio, mas havia olhado pela janela e podia jurar que ele tinha paredes e teto.

Agora, só restava praticamente o esqueleto da edificação, com um emaranhado de fios que saíam das entranhas e amontoados de poeira cinzenta.

Tomando todo o cuidado, uma vez que as batidas pareciam sacudir a estrutura inteira, Hope deu a volta até a entrada da frente.

A porta estava aberta. Perguntou-se se seria para arejar o local. Quem sabe?

Observou a escada estreita naquele vão sombrio e considerou o barulho que vinha dali. Sua curiosidade não chegava a tanto, decidiu, e voltou atrás.

Quando contornava o prédio, dois homens, cobertos daquela poeira cinzenta, irreconhecíveis com os óculos de segurança, as luvas de trabalho e o rosto todo empoeirado, saíram carregando mais uma leva do que devia ter sido uma parede. O entulho foi jogado na caçamba com um ruído surdo.

– Desculpe – disse Hope.

Reconheceu Ryder pelo jeito de virar a cabeça e posicionar o corpo.

Ele ergueu os óculos, revelando uma expressão um pouco aborrecida nos olhos verdes impacientes.

– Acho que é melhor ficar longe daqui.

– Já percebi. Pelo visto, vocês estão deixando o prédio só no esqueleto.

– É basicamente isso. Você precisa se afastar.

– Você já falou.

– Está precisando de alguma coisa?

– Na verdade, sim. Estou tendo problemas com algumas luminárias, as arandelas. Achei que, se o seu electricista estivesse por aqui, poderia...

– Ele já foi – retrucou Ryder.

Fez um gesto brusco com a cabeça para mandar o operário que o acompanhava entrar outra vez. Depois, tirou os óculos de segurança.

Desse jeito, ficou parecendo um guaxinim às avessas, pensou Hope, e não conseguiu conter um sorriso.

– É um trabalho sujo – comentou Hope.

– Um trabalhão – observou Ryder. – Que tipo de problema?

– Elas não ficam acesas. Estão...

– Já trocou as lâmpadas?

– Nossa! Por que não pensei nisso? – ironizou ela, limitando-se a encará-lo.

– Tudo bem. Vou mandar alguém ver o que está acontecendo. É só isso?

– Por enquanto, sim.

Ele assentiu com a cabeça, se meteu pelo vão da porta e desapareceu.

– Muito obrigada! – Hope resmungou para o nada e voltou para a pousada.

O simples fato de entrar ali costumava melhorar seu humor. A aparência e o cheiro do lugar... ainda mais naquele momento em que os cookies com gotas de chocolate que Carolee estava preparando deixavam o ar mais doce. Mas Hope foi direto para a cozinha sem que nada pusesse fim à sua irritação.

– Qual é o *problema* dele?

Com o rosto corado pelo calor do forno embutido, Carolee pôs uma bandeja de biscoitos para assar.

– De quem, querida?

– Ryder Montgomery. Grosseria é a religião dele?

– Ryder pode ser meio rude. Ainda mais quando está trabalhando. Coisa que acontece quase o tempo todo, eu acho. O que ele fez?

– Nada. Só foi ele mesmo. Sabe aquelas arandelas que não acendem ou queimam à toa? Fui falar com Ryder. Na verdade, com qualquer um, mas encontrei Ryder. E ele me perguntou se eu tinha trocado as lâmpadas. Por acaso tenho cara de idiota?

– Não – disse Carolee, estendendo-lhe um cookie. – Mas, uma vez, uma inquilina foi se queixar de um problema e, quando Ryder foi até lá para ver o que era, descobriu que era apenas uma lâmpada queimada. A tal mulher, e acho que ela era mesmo uma palerma, ficou impressionada ao saber que precisava trocar as lâmpadas.

– Humm – murmurou Hope, mordendo o biscoito. – Mesmo assim.

– E então? Como estão as coisas por lá?

– Muito barulho e muitas gargalhadas.

– As demolições são divertidas mesmo.

– Imagino. Não tinha me dado conta de que eles iam pôr praticamente tudo abaixo. Não se perde grande coisa, mas isso nem havia passado pela minha cabeça.

De repente, ficou meio preocupada pensando que toda aquela barulheira podia incomodar os hóspedes.

– Você precisa ver o projeto. Eu dei uma olhadinha. Vai ficar lindo.

– Não duvido. Eles trabalham muito bem.

– Justine já começou a procurar luminárias e pias.

O cookie e a presença de Carolee tinham melhorado um pouco seu humor.

– Ela está nas nuvens – comentou Hope.

– Resolveu que vai comprar tudo moderno, elegante e brilhoso. Muito cromado, foi o que me disse. Tudo do mesmo modelo, sabe? Não vai ser como aqui. De qualquer forma, são muitos detalhes para se pensar. Vai ser divertido ver as coisas irem se ajeitando.

– Ah, vai, sim.

Ia mesmo, pensou Hope. No caso da pousada, ela já tinha chegado ali com a reforma em andamento. Agora, ia acompanhar a transformação do outro prédio do começo ao fim.

– Tenho umas coisinhas para fazer antes do check-in.

– E eu vou dar um pulo no mercado quando os cookies ficarem prontos.

Quer acrescentar algo à lista?

– Acho que já está tudo aí. Obrigada, Carolee.

– Adoro o meu trabalho.

Eu também, pensou Hope, encaminhando-se para o seu escritório. Isso era algo que um Montgomery rabugento não podia estragar.

Checou os e-mails, sorriu ao ver o bilhete de agradecimento deixado por um hóspede, criou um lembrete para satisfazer o pedido de alguém que fizera uma reserva e que queria uma garrafa de champanhe – uma surpresa para os pais que viriam visitá-lo.

Conferiu as reservas: teriam lotação completa no fim de semana. Então checkou a própria agenda.

Quando a florista chegou, levou os novos arranjos para Titânia & Oberon, no segundo andar. Embora já tivesse feito isso, verificou mais uma vez a suíte para se certificar de que estava tudo perfeito para receber os novos hóspedes.

Como era de costume e seguindo sua rotina, Hope foi até a biblioteca e verificou a iluminação: sua lista diária incluía fazer isso com todas as luminárias para ver se havia alguma lâmpada queimada. Viu, Ryder Montgomery? No instante em que encontrou uma, pegou o celular e mandou um e-mail para si mesma lembrando de comprar novas lâmpadas e acrescentando uma observação: trazer mais cápsulas de café para a máquina da biblioteca.

Desceu as escadas para repetir a operação no salão, no saguão e na sala de jantar. Depois, voltou para a cozinha e mal conseguiu conter um grito quando viu Ryder ali parado pegando cookies.

– Não ouvi você entrar.

Como é que ele conseguia andar sem fazer barulho usando aquelas botas pesadas?

– Acabei de chegar. Esses cookies estão bons.

– Carolee acabou de tirar do forno. Ela ainda deve estar no mercado.

– Certo.

Ele continuou parado ali, comendo um cookie, olhando para ela, com o cachorro aos seus pés, todo animado. Vendo aquele sorriso canino, Hope deduziu que o cão também adoraria um cookie.

Ryder tinha se limpado quase todo. Pelo menos não trouxera aquela poeira de demolição ali para dentro.

– Bom... Tem uma no segundo andar e outra no terceiro – disse ela, afastando-se e presumindo que Ryder a seguiria.

– Tem alguém aí?

– Temos hóspedes na W&B, mas eles saíram. E tem gente chegando para ficar na T&O. Olhe só. Agora está acesa – disse Hope, apontando para a segunda arandela assim que chegaram ao topo da escada. – Acabei de passar por aqui e ela estava apagada.

– Aham.

– Olhe, se não acredita em mim, pode perguntar a Carolee.

– Não disse que não acreditava em você.

– Mas parece.

Irritada, Hope começou a subir até o terceiro andar.

– Pronto! Como pode ver com os próprios olhos, esta aqui está apagada.

– Estou vendo – replicou Ryder e, aproximando-se da luminária, ergueu o vidro e desatarraxou a lâmpada. – Tem uma nova?

– Tenho umas no meu apartamento, mas *não* é a lâmpada.

Pegando a chave, Hope abriu a porta do apartamento.

Com a mão, Ryder conseguiu impedir que a porta se fechasse na sua cara. Não entrou no espaço dela, mas estava ali, de qualquer forma. Então, empurrou a porta e espiou lá dentro.

Tudo limpo e arrumado, como o resto da pousada. E também tinha um cheiro bom. Como o resto da pousada. Nada de bagunça. Nem um monte

de coisas femininas, como ele esperava. Havia muitas almofadas no sofá, mas conhecia poucas mulheres que não encheriam sofás e camas com almofadas. Cores fortes, uma ou outra planta dentro de vasos, velas bem grossas.

Hope veio saindo da cozinha e parou de forma brusca, o que o fez compreender que havia lhe dado outro susto. Então, entregou-lhe uma lâmpada nova.

Ryder desceu e a atarraxou na luminária. A lâmpada brilhou ao se acender.

– Não é a lâmpada – insistiu Hope. – Coloquei aquela outra hoje de manhã.

– Ok.

Diaraque ficou sentado aos pés do dono com os olhos pregados na porta da cobertura, abanando o rabo.

– Ok uma ova! Estou lhe dizendo, é... Ah, pronto! – exclamou ela, com um tom triunfal na voz quando a lâmpada se apagou. – Viu? Aconteceu de novo. Deve haver um curto ou alguma coisa errada com a fiação.

– Não.

– Como não? Você acabou de ver!

Enquanto ela falava, a porta da cobertura se abriu.

Hope mal olhou para trás. Mas a porta bateu nela. Claro que dava para sentir o cheiro de madressilva, mas já se acostumara a ele.

– Por que Lizzy ia ficar brincando com as lâmpadas? – perguntou.

– Como é que eu vou saber? – retrucou Ryder, encolhendo os ombros e enfiando os polegares nos bolsos da calça. – Talvez esteja entediada. Já faz tempo que morreu. Ou talvez esteja zangada com você.

– Não é possível. Ela não tem nenhum motivo para isso – disse Hope.

Já ia fechando a porta da cobertura quando, em vez disso, a escancarou.

– Tem um barulho de água correndo!

Passou às pressas pelo pequeno vestibulo que levava ao grande banheiro sofisticado. As torneiras das duas pias estavam abertas, assim como as da banheira, do chuveiro e das duchas laterais.

– Ah, pelo amor de Deus!

– Isso acontece com frequência?

– É a primeira vez. Qual é, Lizzy? – resmungou Hope, fechando as torneiras das pias. – Tem uns hóspedes chegando.

Ryder abriu a porta de vidro para desligar a água do chuveiro e das duchas.

– Estou pesquisando – disse Hope, agora já sem paciência, e fechou a torneira da banheira. – Sei que Owen também está, mas não é tão fácil assim encontrar alguém chamado Billy que viveu, supostamente, no século XIX.

– Se o seu fantasma resolveu aprontar, não posso fazer nada – rebateu Ryder, enxugando a mão molhada no jeans.

– *Meu* fantasma, não! O prédio é de vocês!

– Mas a antepassada é sua – rebateu ele.

Com o encolher de ombros costumeiro, Ryder saiu do banheiro e dirigiu-se à porta da sala. Colocou a mão na maçaneta e olhou para trás.

– Que tal mandar a sua tetra-sei-lá-o-quê parar com isso?

– Com o quê? – indagou Hope.

Mais uma vez, ele tentou girar a maçaneta.

– É só...

Hope empurrou-o para o lado e tentou abrir a porta.

– Isso é ridículo! – exclamou ela, impaciente, sacudindo a maçaneta. Depois desistiu e, apontando para o metal, ordenou: – Faça alguma coisa!

– O que, por exemplo?

– Retire essa maçaneta ou até a porta toda.

– Com o quê?

Hope franziu a testa e baixou os olhos.

– Está sem as ferramentas? Por que não as trouxe? Você sempre anda com elas.

– Era só uma lâmpada.

– *Não era* uma lâmpada – insistiu Hope, com um misto de pânico e irritação na voz. – Já disse que não era a lâmpada. O que está fazendo?

– Vou me sentar um pouco.

– Não!

Diante da exclamação que foi quase um grito, Diaraque procurou um canto e se encolheu ali. Fora da linha de fogo.

– Não ouse sentar nessa cadeira. Você está sujo.

– Ah, pelo amor de Deus! – exclamou Ryder, mas acabou não se sentando e abriu a janela. Ficou observando a logística do telhado.

– Não saia por aí! O que vou fazer quando você cair?

– Ligue para a emergência.

– Não. É sério, Ryder. Ligue para um dos seus irmãos, para os bombeiros ou...

– Não vou chamar os bombeiros porque uma maldita porta não quer abrir.

Hope juntou as mãos, respirou fundo e, por fim, se sentou.

– Vou procurar me acalmar.

– É um bom começo.

– Não precisa ser grosso comigo – disse ela.

Passou a mão pelo cabelo. Sem dúvida, aquele tamanho intermediário a incomodava.

– Não fui eu que tranquei a porta.

– Grosso?

A expressão de Ryder podia ter sido um sorriso ou uma careta, mas foi algo entre os dois.

– Estou sendo grosso?

– Você tem um jeito todo especial de ser grosso. Não precisa gostar de mim, e procuro ficar o mais longe que posso de você. Mas sou a gerente desta pousada e faço um ótimo trabalho. Nossos caminhos acabam se cruzando às vezes. Você podia pelo menos fazer de conta que é educado.

– Não sei fingir, e quem foi que disse que não gosto de você? – retrucou Ryder, encostando-se na porta.

– Você mesmo. É sempre tão grosseiro!

– Talvez essa seja a minha reação à arrogância.

– Arrogância? – indagou Hope, encarando-o, genuinamente ofendida. – Não sou arrogante.

– Fez disso uma ciência e é a sua especialidade – disse ele, afastando-se e voltando a olhar pela janela.

– Você foi grosso comigo desde o primeiro instante em que nos conhecemos. Aqui mesmo, neste quarto, antes de ser um quarto.

Hope se lembrava muito bem daquele momento: o atordoamento, a onda impetuosa que sentiu percorrer seu corpo, o jeito como a luz parecia explodir ao redor dele.

Não queria nem pensar nisso.

Irritado, Ryder se virou.

– Talvez tenha algo a ver com o fato de você ter me olhado como se eu tivesse lhe dado um soco na cara.

- Não fiz nada disso. Só que, por um instante... eu não sei.
- Talvez seja porque você ande por aí com esses saltos altos.
- Está falando sério? Agora vai criticar os meus sapatos?
- Foi só um comentário – disse Ryder.

Hope emitiu um som meio gutural que lhe pareceu feroz. Levantou-se de um salto e esmurrou a porta.

- Abra essa maldita porta! – gritou.

- Ela vai abrir quando estiver pronta. Dessa forma você vai acabar se machucando.

- Não venha me dizer o que fazer! – exclamou Hope, sem saber por que a reação casual de Ryder só fez aumentar a própria raiva e provocou nela uma pontada de pânico. – Você nem me chama pelo nome. Parece até que não sabe.

- Claro que sei. Pare de esmurrar a porta, Hope. Está vendo? Sei o seu nome. Pare com isso.

Ryder se levantou e pôs a mão sobre o punho cerrado dela.

Hope sentiu aquela onda outra vez, o estranho atordoamento. Cautelosa, ela se agarrou à porta e virou-se para vê-lo.

Estavam bem próximos outra vez, como na noite do réveillon. Hope estava perto o bastante para ver as manchinhas douradas que pontilhavam os olhos verdes de Ryder. Perto o bastante para perceber o calor e o ar inquisidor que havia neles.

Não lhe ocorreu chegar ainda mais perto, mas foi o que o corpo dela fez. Para deter esse movimento, Hope encostou a mão no peito de Ryder. Será que o coração dele batia descompassado? Parecia que sim. Talvez fosse só uma esperança da parte dela, pois, dessa forma, não seria a única.

- Lizzy prendeu Owen e Avery na suíte E&D – lembrou-se Hope. – Querida que os dois... – Se beijassem. Se descobrissem. – Ela é uma romântica.

Ryder recuou e o momento se quebrou como vidro.

- Neste exato momento, está sendo uma chata – rebateu.

A janela que ele havia aberto se fechou sozinha sem ruído algum.

- Acho que Lizzy está querendo dizer alguma coisa – observou Hope, já mais calma e mais segura ao ver que ele também parecia abalado. Ajeitou o cabelo. – Ah, pelo amor de Deus, Ryder, me beije logo. Não vou matar você e ela vai nos deixar sair daqui.

- Talvez eu não goste que mulheres, vivas ou mortas, me manipulem.

– Acredite, beijar você não será o ponto alto do meu dia, mas tem uns hóspedes que devem estar chegando. Senão... – acrescentou, pegando o celular – vou ligar para Owen.

– Não vai ligar coisa nenhuma.

Agora tinha conseguido. Pedir para um dos irmãos vir soltá-los seria o fim! Ia beijá-la. Dos males, o menor, pensou Hope. Achando graça, abriu um sorriso para Ryder.

– Feche os olhos e pense que é para o bem de todos.

– Muito engraçadinha – retrucou ele, pondo as mãos de ambos os lados da cabeça de Hope. – Mas já perdi muito tempo aqui e quero uma cerveja gelada.

– Ótimo.

Ryder se inclinou e deteve-se por um instante, os lábios bem próximos aos dela.

Não pense, disse Hope consigo mesma. Não corresponda a esse beijo. Não é nada.

Não é nada.

O que houve foi calor e luz, e, ah!, mais uma vez aquela onda que a percorreu dos pés à cabeça. Ryder não a tocou, mas, quando seus lábios se encontraram, Hope precisou cerrar os punhos ao lado do corpo para não abraçá-lo. Para não agarrá-lo, não puxá-lo para si.

Aos poucos, não conseguiu mais resistir e se deixou levar pelo beijo.

Ryder pretendia apenas roçar os lábios nos dela. Como faria com uma amiga, uma tia, uma senhora gorducha de meia-idade com um ou dois netos.

Mas ele também se deixou levar e mergulhou fundo. O gosto de Hope, o cheiro dela, a sensação dos lábios colados aos seus...

Não diria que foi um beijo doce, tampouco brusco. Mas aconteceu algo misterioso ali. Algo exclusivamente Hope.

Aquilo... Ela... mexeu com Ryder mais do que deveria. Mais do que ele gostaria.

Afastar-se custou um grande esforço para Ryder.

Ficou olhando para Hope por alguns segundos. Então, ela soltou o ar pela boca, afrouxou os punhos cerrados e tentou abrir a porta.

– Pronto! – exclamou. – Deu certo.

– Vamos embora antes que ela mude de ideia.

Assim que chegaram ao hall, ele foi direto até a arandela que agora brilhava animada, pegou o vidro que havia ficado no chão e o recolocou no lugar.

– Resolvido – disse, sem se mexer, sempre olhando para Hope.

Ela ia dizer alguma coisa, mas a campainha tocou.

– Os hóspedes chegaram. Tenho que...

– Vou sair pelos fundos.

Hope assentiu com a cabeça e desceu às pressas.

Ryder ficou ouvindo o som dos saltos altos batendo no assoalho e se permitiu um momento para recuperar o fôlego.

– Não tranque essa droga outra vez – falou.

Com o cachorro andando fielmente em seu encalço, ele foi embora, afastando-se do cheiro de madressilva e de Hope.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br